

34

Estado não tem recursos para atender migrantes

A falta de recursos financeiros poderá levar o Centro de Treinamento e Encaminhamento e Triagem de Migrante (Cetremi), órgão da Secretaria da Cultura e do Bem-Estar Social, a fechar os dois únicos postos fixos de atendimento da Estação Ferroviária da Companhia Vale do Rio Doce e da Rodoviária Ilha do Príncipe, que funcionam atualmente em situações precárias.

Segundo a coordenadora geral do programa, sra. Eliane Rabello Zouain a não liberação de verbas pelo Ministério do Interior não está permitindo ao órgão continuar funcionando satisfatoriamente.

O Cetremi está utilizando apenas Cr\$ 30 mil por mês da própria Secretaria da Cultura e do Bem-Estar Social e, por isso, não tem condições de atender à demanda, enviar migrantes para hotéis ou pensões e até mesmo recepcioná-los, devido à escassez também de recursos humanos, o que já ocasionou o fechamento de um posto no Centro de Saúde da Serra.

CONVÊNIO

O Governo do Estado, através de convênio firmado com o Ministério do Interior, em março de 1977, vem desenvolvendo um serviço de assistência social e pesquisa, destinado à população migrante de baixa renda. Isto tem ocorrido de maneira "bastante precária", com os problemas centralizados na falta de verbas, que deveriam ser repassadas ao Estado pelo Ministério do Interior, explicou a coordenadora.

O Cetremi tem por objetivo a recepção e triagem do migrante nos primeiros dias de sua chegada. Para este trabalho, por enquanto, o órgão mantém apenas dois locais de atendimento, sendo um desativado por falta de recursos humanos. Um deles funciona numa sala instalada no terminal da Rodoviária da Ilha do Príncipe e outro, um treiller, na Estação Ferroviária da CVRD, em Jardim América, Cariacica.

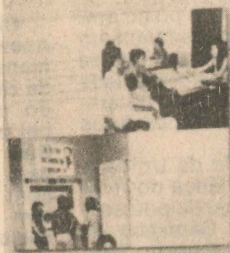
O posto da Estação Rodoviária funciona no horário da manhã, com um agente social e, à tarde, em dias alternados. Quanto ao da Estação Ferroviária, que somente deveria ser aberto minutos antes da chegada do trem da tarde, há muito tempo não recebe a presença de funcionários.

A inexistência de funcionários nesses postos está ligada à falta de dinheiro e disponibilidade de pessoal. O Cetremi, atualmente, conta com quatro assistentes sociais — coordenadoras do programa — e uma funcionária para os serviços administrativos, além de dois entrevistadores. No início do ano contava com a colaboração de quatro estagiários, recrutados pelo Projeto Rondon, que tiveram de ser dispensados, justamente porque a Sebs não podia mantê-los.

De acordo com outra coordenadora, sra. Sheila Perin Albuquerque, no primeiro ano de existência do Cetremi, o Ministério do Interior liberou uma verba de Cr\$ 1 milhão e 500 mil, para realização das atividades. No ano seguinte, aumentou para Cr\$ 2 milhões, parcelados em duas vezes. Para este ano, foi firmado um convênio para liberação de mais Cr\$ 1 milhão e 500 mil, o que até agora não ocorreu.

Até alguns meses o Cetremi ainda estava utilizando o restante da verba do ano anterior, mais uma ajuda dada pela Secretaria de Cultura e do Bem-Estar Social, no valor de Cr\$ 30 mil mensais. Nos últimos meses, o órgão dispõe para realizar todos os trabalhos apenas da verba irrisória do Estado.

PASSADO



Migrantes aguardam assistência do Governo, na sede do Cetremi

Cetremi pode fazer mesmo nas atuais condições é dar somente orientação profissional e tratar da colocação do migrante. Quanto a isso, as coordenadoras fizeram também uma ressalva, alegando que "nem sempre isto ocorre perfeitamente, porque não há dinheiro nem para a compra de jornais".

CONFIANÇA

Na esperança de que o Ministério do Interior libere a verba de Cr\$ 1 milhão e 500 mil antes que o Cetremi pare suas atividades, uma solução encontrada pelas assistentes sociais, no caso de alojamento para migrante recém-chegado à capital, é conseguir um bar 'raço' para ele, dando garantias ao proprietário de que o aluguel será pago dentro de algumas semanas. Outras soluções são procuradas à Legião Brasileira de Assistência (LBA) e Unidade Comunitária de Integração Social (Ucis).

Quando se trata de uma família de migrantes, o Cetremi tem recebido ajuda de algumas comunidades, que permitem às crianças ficarem nas creches por duas, três horas e receberem alimentação.

A srª Sheila Perin Albuquerque garantiu que o órgão, mesmo nas atuais condições, tem contactado

Quando havia disponibilidade de verbas, o Cetremi firmava contratos de prestação de serviços com pensões cartórios, hotéis, fotos, agências de viagem intermunicipais e interestaduais, principalmente a Viacão Águia Branca e a Itapemirim e a Liga Espiritosa-Santense contra a Tuberculose (LESCT), para atendimento da clientela necessitada.

Atualmente, o Cetremi mantém convênio com o Hotel Olímpia mas não tem utilizado seus serviços, porque sabe que não haverá condições de pagar no final do mês as despesas. Mantinha também contrato com a Pensão Santo Antônio, em São Torquato, Vila Velha, o que facilitava a hospedagem daquele migrante que vinha pela Estrada de Ferro Vitória a Minas. O convênio com esta pensão terminou quando foi fechada recentemente pela Polícia.

Quando o Cetremi tinha condições de atender o migrante, o processo era o seguinte: o migrante chegava aos postos de recepção, nos quais era entrevistado para que se pudesse ter um conhecimento de sua situação.

Para os migrantes que vinham à procura de emprego, principalmente na construção civil, o problema era e "ainda continua sendo" sanado rapidamente, isto por causa dos documentos em mão. O alojamento também era fácil porque as empresas de construção civil têm alojamentos para seus empregados.

"O problema todo — disse a sra. Eliane Rabelo Zouan — diz respeito ao migrante que aparece para outros setores de trabalho, pois geralmente vem sem dinheiro ou documentação. Normalmente acontece desses migrantes saírem dos postos sem atendimento necessário e passarem a mendigar nas dependências do terminal rodoviário e em outros lugares da Grande Vitória".

A coordenadora do Cetremi afirmou que "agora não há mais condições de se fazer atendimento ao migrante" embora ressaltasse que "não tem deixado de atender um número bem grande de pessoas necessitadas". Segundo informou, existem dois tipos de migrantes: aquele que chega diariamente ou está morando na cidade há um ano e aquele que já mora há mais de um ano. Estes últimos são atendidos, mas não são cadastrados e somente em última hipótese recebem os benefícios.

Atualmente, o órgão atende "prioritariamente" os casos de urgência, porque os recursos financeiros do órgão "não permitem milagres". Nesse caso, são beneficiados aqueles que chegam e "sentem o impacto da cidade grande, mesmo assim só a minoria. O que o

gão, mesmo nas atuais condições, tem contactado cerca de 300 migrantes por mês, que somados aos não migrantes chegam até a 600. De janeiro a setembro deste ano foram cadastrados 4 800 migrantes nos postos de recepção. As coordenadoras do programa estão surpresas, pois a chegada de migrantes à capital "está bem maior que nos anos anteriores".

"No momento, outros problemas não estão tendo soluções mesmo", disseram. Há pessoas que aparecem em busca de benefícios, que não estão incluídos dentro dos programas do Cetremi. Há poucos dias, comentaram, chegou um senhor que queria uma passagem para Portugal, onde se reuniria com seus familiares.

Muitas pessoas vão em busca do Cetremi, para conseguir passagem para outros Estados, o que também não é possível. "Em certos casos, até que o Cetremi tenta conseguir caronas, com a Força Aérea Brasileira (FAB), o que também é difícil, porque tem de se preparar escalas", explicaram as assistentes.

A sra. Sheila Perin Albuquerque disse que "o Cetremi não estimula a volta do migrante a seu local de origem, o que deve partir do próprio migrante. Como o Cetremi daqui tem mantido contatos permanentes com aqueles de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia, acontece de uma pessoa ter que voltar, por exemplo, para o Piauí. Nesse caso, se houver possibilidades damos uma passagem para ele até Salvador e daí para o Piauí, o Cetremi da Bahia se encarrega", explicou.

A coordenadora geral do Cetremi afirmou também que os migrantes que chegam a Vitória, vêm, em sua maioria de Linhares, Colatina e São Mateus. Dificilmente chega alguém de Nova Venécia, pois lá tem um ônibus que leva o pessoal diretamente para Rondônia. Muitos chegam de Minas Gerais e Bahia.

Para "minimizar os problemas", a sra. Sheila Perin Albuquerque afirmou que seriam necessários, no mínimo recursos na ordem de Cr\$ 6 milhões e 500 mil. "A situação está piorando e a dose de angústia aumenta, pois aparece gente e não temos como atender. Falta dinheiro para tudo. Não há como pagar hotel. Para o albergue de Carapina, na Serra, onde são alojados os mendigos, o Cetremi não pode encaminhar os migrantes, que são outro tipo de gente. Os mendigos são alcoolatras e não sociáveis".

Uma solução apresentada há poucos dias pelo secretário da Sebs para minimizar os problemas seria a construção de um albergue na Serra, para alojar o pessoal. A este respeito, a sra. Sheila Perin Albuquerque disse que "albergues não serão financiados pelo Ministério do Interior, porque houve uma experiência negativa em São Paulo.